

Ficha Técnica

Título: O Criador de Fantasmas: Representações do Mundo na Poesia de João Lúcio
Autor: Vasco Barbosa Prudêncio

1ª Edição: Março 2019

Edição: Município de Olhão

Capa e ilustrações: José Mendonça
Paginação: OVO Creative Studio
Impressão: Gráfica Comercial

ISBN: 978-989-8446-05-3
Depósito Legal: 452847/19

Reservados todos os direitos de autor.

O presente estudo tem como base a Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Algarve, como o mesmo título, em 2013.

À exceção das necessárias adaptações linguísticas e simplificação de algumas notas de rodapé, a sua estrutura mantém-se, em linhas gerais, a mesma.

Julgamos importante repetir os agradecimentos veiculados no documento inicial:

Ao Prof. Dr. João Minhoto Marques, pelo rigor, dedicação e persistência demonstradas na orientação da presente tese; à Fundação para a Ciência e a Tecnologia, que possibilitou o desenvolvimento do estudo apresentado; à Dra. Helena Vinagre e José Brito Cabaço, do Arquivo de Olhão; à Dra. Helena Barreto e Veralisa, do Museu Municipal de Olhão e a Fátima Monteiro, Ana Bandeira e Ana Rodrigues, da Casa João Lúcio; a Edgar Pires Cavaco pelo apoio concedido na decifração de alguns manuscritos inéditos de João Lúcio; a Henrique Pousão, Maria Luísa Pousão Sancho e Nuno Moniz Pereira pela facultação de documentação inédita pertencente ao espólio do poeta; a António Palma Brito, pela facultação de material iconográfico diverso; a Isabel Cardigos, pela generosa oferta do volume de *Poesias Completas*, de João Lúcio.

A estes, gostaríamos de acrescentar os nomes de Ana Isabel Soares, pelo apoio concedido na revisão do presente documento, a José Mendonça, pela elaboração dos desenhos alusivos ao poeta João Lúcio e, naturalmente, à Câmara Municipal de Olhão e à 365 Algarve por concretizarem a edição desta obra. A todos, muito obrigado.

Prefácio

Um Progenitor Desconhecido

João Lúcio, que morreu há cem anos, parece ter morrido ontem e a sua morte na flor da idade ainda nos comove. Tudo acabou de acontecer e reconstituímos dentro de nós, mesmo sem querer, o seu drama. A cor escura dos móveis entre os quais morreu é ainda a mesma, não desbotou o mais leve tom! Está aqui intacta! Até o cheiro eterizado do seu quarto chega num sobressalto ao presente. E o mesmo para os lençóis húmidos e suados pela febre entre os quais expirou. É como se João Lúcio fosse nosso contemporâneo, fizesse parte da nossa vida, estivesse ainda presente no nosso dia-a-dia. Está tão próximo de nós como o vizinho que nos saudou ao sairmos de casa esta manhã. Um século é na história da vida um pestanejar de pálpebras e não tem qualquer significado.

Mas cem anos são também uma eternidade, um abismo temporal quase intransponível. Transformações gigantescas têm lugar numa centúria, tornando tudo irreconhecível – os lugares, as gerações, os objectos. Lisboa há cem anos acabava na Avenida Almirante Reis e no cimo da Avenida da Liberdade. Onde está hoje o Parque Eduardo VII não era difícil ver zagais a pastorear rebanhos. Ao pé do Liceu Camões, do lado da Praça do Saldanha, havia chalés e herdades onde no mês de Outubro se vindimava e se fazia vinho novo, que depois era vendido às tabernas do centro. A população da Terra pouco passava dos mil milhões e meio. Hoje caminha para os oito mil milhões. Bastou um século para crescer mais de cinco vezes. Isto significa que a centúria é uma unidade temporal considerável que nos permite fazer um balanço distanciado sobre um evento histórico ou uma obra poética.

João Lúcio (1880-1918) deixou apenas três livros publicados em vida – *Descendo* (1900), *O meu Algarve* (1905) e *Na asa do sonho* (1913) – a que se junta um quarto, *Espalhando fantasmas* (1921), que ele já não teve tempo de acabar e que mão amiga se encarregou de rever e publicar

depois da sua morte. Com Cesário e António Nobre, João Lúcio foi um dos três poetas portugueses modernos que morreu na flor da juventude. Viveu uma vida breve com pouco mais de três décadas. Tudo passou por ele de forma tão veloz que a impressão que dá é que os anos em que ele esteve connosco passaram num abrir e fechar de olhos. Para bem dizer morreu pouco depois da infância e os seus olhos, os anéis do seu cabelo, a polpa carnuda dos seus lábios e toda a expressão do seu rosto ainda tinham no momento da partida uma inocência, uma doçura e uma jovialidade que fazem parte da luz da meninice do nosso rosto. Nem uma ruga de Outono lhe murchava ainda a cara e nem um fio de cabelo branco lhe nevava a cabeça. A velhice estava ainda tão longe dele como a manhã está do fim do dia!

Há porém obras muito longas, produto da experiência e de vastas leituras, que se desfazem em pó pouco depois de nascerem, e outras, muito breves, fruto duma inspiração súbita e quase ainda infantil, de alto significado poético, que perduram como sementes destinadas a fecundar os jardins do futuro. É o que se passa com a de João Lúcio. Ele deu à poesia portuguesa um novo mundo. Ousou visitar zonas ocultas e revelou regiões desconhecidas, onde até aí ninguém se aventurara. A sua poesia significou uma ruptura com o que de mais característico nos legaram os poetas da segunda metade do século XIX, interessados apenas na observação do mundo sensível e na representação da realidade exterior. Foi ele que pela primeira vez apontou à poesia em Portugal o caminho de dentro. Foi o primeiro a colocar o seu verbo ao serviço do espaço interior e a traduzir em verso o mundo das sensações psíquicas. Desceu dentro de si as vastas escadarias do espírito à procura dos países invisíveis e sem nome, do vastíssimo continente submerso que vive escondido na escuridão da nossa noite interior.

O autor de *Descendo* foi assim o poeta português que teve o privilégio em Portugal de abrir a porta à poesia do século XX. Ele é o primeiro poeta do seu século português e tem por isso um lugar reservado para sempre na poesia do seu país. É dele que descendem as mais marcantes experiências do seu século poético. O paulismo e o interseccionismo

dos poetas de *Orpheu* deitam raiz nele – nele e no primeiro Eugénio de Castro. O dimensionismo de António Pedro e o surrealismo de Mário Cesariny e de António Maria Lisboa é nele que encontram um antecedente de força – nele e, por razões distintas que seria moroso explicar, em Teixeira de Pascoaes. Um poema tão singular como *Descida aos Infernos* de Carlos de Oliveira está já projectado nas estrofes visionárias do poema final do livro de 1913 – o dos *mineiros da Quimera, à busca do filão, / que tem o diamante azul da Fantasia*. E até um poeta do estalão de Herberto Helder parece já estar todo contido em promessa na “Sinfonia da Beleza” publicada em 1913.

Quando se começava a desenhar um cânone poético para a primeira metade do século, José Régio foi talvez o primeiro a alertar para o injusto abandono em que a poesia de João Lúcio caíra junto da crítica. Um poeta como ele, com um ascendente forte nas várias famílias poéticas mais representativas do seu século, um poeta firme e inabalável no que cantara e anunciara, estava muito longe de ter junto da História literária do seu século o alto lugar que lhe cabia por direito próprio. Havia todo um trabalho de releitura a fazer, de modo a resgatar essa obra do injusto esquecimento em que por razões alheias à poesia caíra e expondo à luz do dia a força antecipadora da sua expressão poética – o alto talento dum poeta que soubera fazer em 1900 com voz sua a viragem decisiva da poesia do novo século.

O trabalho de Vasco Prudêncio é uma tentativa de compreender a unidade poética da obra desse invulgar pesquisador das jazidas da alma humana que foi João Lúcio. É um vasto e esforçado labor de interpretação e de contextualização muito mais do que de História literária e do que nesta há de fixação canónica. Ressalta dele por um lado a ingente riqueza da obra do admirável poeta, que necessita duma largueza que só às obras maiores diz respeito, e por outro a sua natureza inexaurível – antes de mais o incómodo em se deixar aprisionar em nomenclaturas fixas de periodização literária. Lúcio era um poeta demasiado inovador, com uma febre criativa altamente singular, para caber sem graves prejuízos em compartimentos rígidos e apertados. Nada pode ser estanque

num poeta dotado e fluente, intuitivamente aberto ao futuro como ele mostrou superiormente ser.

O estudo de Vasco Prudêncio, porventura o mais completo de que até hoje dispomos sobre a obra de Lúcio, dá um passo decisivo para a sua compreensão e deixa em aberto algumas das sendas que ao lado de muitas outras os intérpretes do futuro vão com certeza prosseguir.

Out./Novembro de 2018
Antônio Cândido Franco

Preâmbulo

A presente obra tem por objetivo propor uma leitura da poesia de João Lúcio a partir de uma problemática que consideramos ser determinante em toda a sua poética: a relação do sujeito com o seu espaço ou o seu mundo, tendo em vista o modo como a mesma é problematizada em cada texto e a importância conferida ao devir poético ao longo de toda esta relação.

Consideramos, nesta perspectiva, que é possível depreender, a partir das três obras publicadas em vida – *Descendo*, *O Meu Algarve*, *Na Asa do Sonho* –, bem como no que concerne à obra póstuma *Espalhando Fantasmas* – uma permanente redefinição das coordenadas sujeito-espaço em cada um dos seus universos poéticos. Quer isto dizer que a demanda de um sentido *oculto*, *profundo* no mundo em *Descendo*; o assumir de uma relação *pessoal* entre o poeta e a paisagem em *O Meu Algarve* e a ênfase de um domínio onírico, pessoal, como condição essencial para um conhecimento mais amplo do *real* em *Na Asa do Sonho* expressam, como ponto comum, a problematização da relação entre o *eu* e o seu mundo – entre o criador e a sua obra. É esta a leitura fazemos do poema «Espalhando Fantasmas», publicado em 1917 no *Diário Nacional* e que dará título ao volume de poesias editado em 1921: o reconhecimento de um papel eminentemente ativo, no sujeito, não tanto no âmbito da procura de um mundo, mas antes da sua *criação*. Neste pressuposto, o *eu* poético assume-se – numa leitura que atravessa toda a obra poética precedente – como alguém que *espalha fantasmas* – como um criador de imagens que constituem, afinal, o mundo onde o mesmo *vive*. O poema parece assim resolver a problemática fundamental expressa em toda a sua poesia por via da criação poética, que constitui assim, mais do que um mediador, uma efetiva ferramenta para a veiculação e criação da sua realidade.

Em função da linha de investigação exposta, determinámos uma estruturação em oito capítulos.